

LISTA 2: VOCABULÁRIO

Ana Paula Scher
Indaiá de Santana Bassani
Janayna Carvalho
Paula Roberta Gabbai Armelin

Conceitos-chave do capítulo:

- Separacionismo
- Item de Vocabulário e Inserção de Vocabulário
- Princípio do subconjunto e competição
- Sincretismo
- Alomorfia

O nosso conhecimento sobre morfemas e, conseqüentemente, sobre palavras pode parecer simples, mas é composto de várias informações de natureza diferente. Para que exemplifiquemos isso, façamos um breve exercício. Imagine que um colega estrangeiro que é aprendiz de português te pergunte o que é um *casebre*. Você saberá falar que um *casebre* é uma casa humilde e pequena, geralmente feita de materiais pouco resistentes. Esse é um aspecto semântico da palavra. Ele pode também te perguntar como usar a palavra *casebre* em uma sentença, ao que você responde dizendo que *casebre* é usada como qualquer outro nome, seguindo artigos (*um casebre*) e antecedendo a maioria dos adjetivos (*casebre verde*). Esse é um aspecto sintático da palavra. Por fim, ele pode te perguntar sobre o quão usado é o sufixo *-ebr-*. Para ele, esse sufixo parece estranho e pouco frequente. Você, em resposta, confirma que é um sufixo pouco usado e fala

para o seu amigo não se preocupar porque não encontrará *-ebr-* em muitas outras palavras. Dessa vez, a pergunta foi sobre um aspecto morfológico da palavra.

As perguntas de seu amigo poderiam continuar indefinidamente. No entanto, não é difícil fazer um conjunto de perguntas improváveis, isto é, algumas perguntas que seu amigo não faria independentemente de quanta instrução ele tenha em Linguística. Um exemplo de pergunta implausível seria: o som [k], que inicia a palavra *casebre*, tem relação com seu significado ou com a sua posição sintática? Essa pergunta nos parece tão absurda porque sabemos, intuitivamente, que os sons não têm relação com os aspectos sintáticos e semânticos das palavras. Palavras de variadas classes e com conteúdos semânticos diferentes se iniciam com esse fone, tais como *que*, *casa*, *como* e *cair* só para citar algumas. Poderíamos estudar todos os fones da palavra *casebre* e suas representações subjacentes correspondentes (fonemas) e, ainda assim, não acharíamos nenhuma relação entre eles e as propriedades sintáticas, semânticas e morfológicas dessa palavra, o que é coerente com a estranheza que a pergunta inventada nesse parágrafo causa para qualquer falante.

Essa separação entre o conteúdo fonológico da palavra e as propriedades sintáticas, semânticas e fonológicas já foi tratada e teorizada em teorias morfológicas, incluindo a Morfologia Distribuída. Antes dela, abordagens como as de Anderson (1992), Aronoff (1992) e Beard (1995) já concebiam a separação entre os elementos envolvidos na derivação sintática e na fonologia.

Anderson (1992), por exemplo, não só percebeu essa dissociação entre propriedades sintáticas, semânticas e fonológicas da palavra, mas também argumentou, com base em dados de reduplicação, que não é possível manter a definição tradicional de morfema frente à vastidão de processos morfológicos que podem ser encontrados nas palavras do mundo.

Para que consigamos representar de maneira abreviada a discussão de Anderson (1992), consideremos a definição clássica de Bloomfield (1933, p. 161) para morfema, que é “uma forma linguística que não guarda nenhuma semelhança fonética e semântica parcial com qualquer outra forma.”¹⁵ Como Anderson (1992, p. 49) observa, tal definição tem o objetivo de correlacionar forma e conteúdo.

Consideremos, também, os morfemas reduplicativos, que geralmente indicam intensidade, copiando palavras ou partes de palavras em variadas línguas. Formas como *chororô*, que pode ser analisada como uma reduplicação parcial de *choro*, e *pisca-pisca*, em que há uma reduplicação total de uma forma verbal, gerando um nome como resultado, são exemplos de reduplicação em português. Nesses casos, fica evidente que não podemos atribuir uma identidade fonética para um morfema reduplicativo, visto que o material copiado varia em cada uma das formações. Parece que uma caracterização mais adequada para esse morfema é em termos de uma regra que pode ser descrita como cópia da palavra ou material menor que ela, mas não em termos de um morfema que tenha identidade fonética.

São exemplos como esse que motivam Anderson (1992) a assumir uma separação entre as informações morfológicas que constituem a palavra e a sua manifestação fonológica. Abordagens como essa fomentaram o modelo de Gramática proposto na Morfologia Distribuída. A influência de Anderson (1992), particularmente, fica bastante óbvia em Halle e Marantz (1993), que inclusive reanalisam alguns conjuntos de dados analisados em Anderson (1992).

Todavia, é interessante que deixemos clara aqui a diferença entre a Morfologia Distribuída, também uma abordagem separacionista, e a proposta de Anderson (1992). Para Anderson,

¹⁵ No original: *a linguistic form which bears no partial phonetic-semantic resemblance to any other form.*

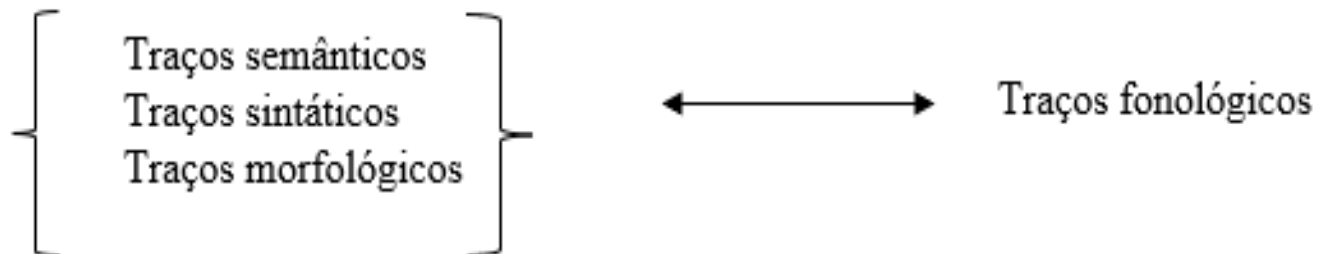
o descompasso entre a definição clássica de morfema e os dados efetivamente encontrados nas línguas do mundo mostram que se deve abandonar de forma geral as unidades menores que as palavras na análise morfológica. Nesse ponto de vista, deve-se trabalhar com a noção de processos que se aplicam a lexemas formando palavras novas. Por exemplo, a partir de *cachorro* seria possível aplicar uma regra de plural que forma *cachorros*. Assim, em vez de trabalhar com a ideia de que essas palavras são relacionadas porque ambas possuem, pelo menos, uma raiz (*cachorr-*) e uma vogal temática em comum (*-o*), o autor trabalha com a ideia de que é o processo se aplicando a uma base comum que vai derivar a similaridade das palavras. Essa segunda ideia seria mais vantajosa porque além do plural em *-s*, há outros alomorfes de plural, como *-is* em *pastéis*, além de formas cristalizadas, como *campi* e *corpora*, que serão abordadas na seção 2. Se levarmos em conta todas essas formas, não podemos dizer que a definição de morfema de Bloomfield é respeitada.

Por outro lado, na Morfologia Distribuída, continua-se a trabalhar com elementos formadores de palavras, os morfemas. A solução para a incongruência entre a forma e o conteúdo nessa teoria se dá com uma inserção tardia da fonologia para esses morfemas. A opção por se continuar a trabalhar com formativos das palavras se dá pela constatação de que as palavras possuem sintaxe interna e não podem ser, portanto, meros lexemas a partir dos quais se aplicam regras. Explicando de outro modo, é nítido, em muitos casos, que a estrutura de morfemas funcionais na palavra reproduz a estrutura de elementos funcionais na sintaxe e essa correlação precisaria ser tomada somente como um acidente se assumimos uma morfologia amorfa, ou seja, sem morfemas, tal como Anderson assumiu.

Na visão da Morfologia Distribuída, a formação de palavras se dá, então, a partir de um feixe de traços morfossintáticos. Halle e Marantz (1994), quando conceituam o Item de Vocabulário,

representam-no de uma forma que exemplifica bem a separação entre conteúdo e forma na Morfologia Distribuída:

(1) Item de Vocabulário:



(HALLE; MARANTZ, 1994, p. 275, tradução nossa)

Essa separação tem como consequência que o nó terminal abstrato é o elemento que efetivamente participará da derivação sintática, entrando nas relações sintáticas pertinentes para que a derivação convirja. Os traços fonológicos, correspondentes ao feixe de traços semânticos, sintáticos e morfológicos, serão inseridos somente após a derivação sintática, o que caracteriza a inserção tardia assumida no modelo. É a inserção tardia que provê material fonológico para o nó terminal abstrato presente na estrutura sintática. Na etapa de inserção de material fonológico, a especificação sintática, semântica e morfológica dos Itens de Vocabulário serve, então, como um *índice* que identifica o item correspondente.

Falando dessa forma, parece haver uma relação biunívoca, entre os traços sintáticos, semânticos e morfológicos que estão presentes durante a derivação e sua realização fonológica, como se cada conglomerado de traços estivesse associado a somente uma realização fonológica. Não é esse o caso, no entanto. É abundante nas línguas naturais o fenômeno de alomorfia, em que um mesmo significado tem mais de um expoente formal, por exemplo. Vejamos um exemplo como (2), que ilustra uma alomorfia de pretérito imperfeito no português:

- (2) a. pensar → pensava
 b. beber → bebia
 c. cair → caía

Os dados em (2) nos mostram que a alomorfia de pretérito imperfeito tem dois expoentes em português brasileiro: *-va* e *-ia*. Fica claro também que a realização de uma ou outra forma é influenciada pela chamada vogal temática dos verbos. Verbos com vogal temática em *a-* são o gatilho para a forma *-va*; verbos com vogal temática em *e-* e *i-* selecionam a forma *-ia*. Esse exemplo demonstra que o mesmo conjunto de traços pode ter realizações fonológicas diferentes em virtude de outros Itens de Vocabulário também presentes na palavra (no caso, a vogal temática). A alomorfia exemplificada acima é um caso em que há mais expoentes fonológicos para uma forma, exemplificando a falta de correspondência prévia entre os traços formais e o conteúdo fonológico.

Podemos ter também a situação inversa em que há um expoente fonológico que encapsula vários feixes de traços. Não é raro que isso aconteça com as morfologias de tempo e pessoa no português. Consideremos, por exemplo, a forma *comi*, em que *-i* pode ser analisado como o sufixo que carrega tanto informações de tempo como de pessoa. O paradigma verbal do português nos dá mostras de que essas informações podem aparecer separadas também, como na forma *comeríamos*, em que *-ria-* carrega informações de tempo e aspecto e *-mos* carrega a informação de pessoa e número. Portanto, o que acontece na forma *comi* é a fusão de dois feixes de traços diferentes, exemplificando, mais uma vez, a dissonância entre as informações sintáticas e sua manifestação fonológica.¹⁶ Dessa vez, no entanto, a dissonância se dá porque

16 Ver capítulos *Operações morfológicas e Flexão, derivação e composição em Morfologia Distribuída*.

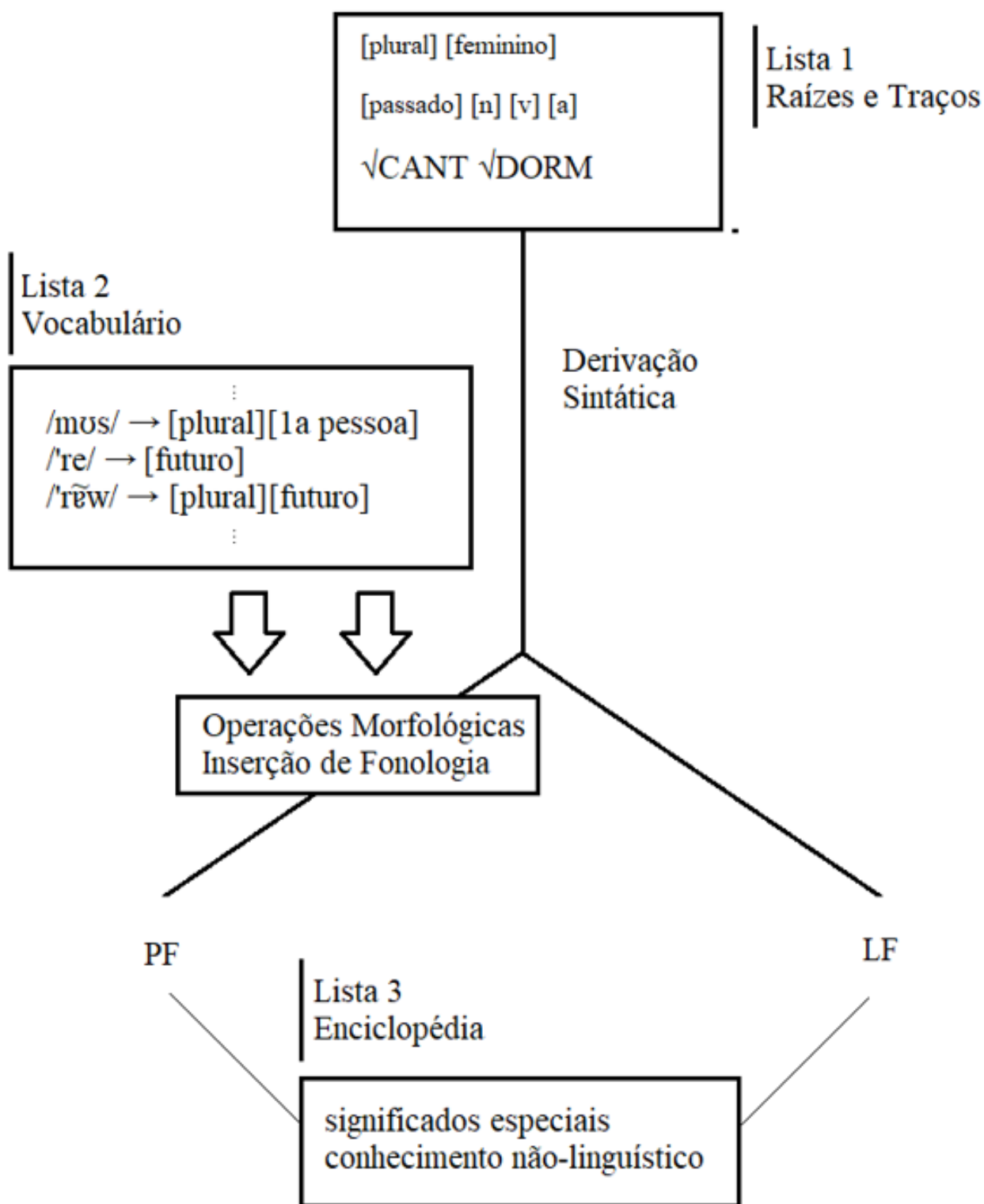
dois feixes de traços se manifestam fonologicamente como só um expoente fonológico. Isso é frequente quando esses feixes estão em uma relação de localidade, como adjacência.

Demonstradas essas incongruências, fica evidente que os Itens de Vocabulário não estão irremediavelmente vinculados aos feixes de traços que formam palavras e sentenças e que a inserção tem regras próprias, que merecem uma discussão separada, como faremos neste capítulo.

1. Os elementos essenciais da Lista 2

Já vimos que, no modelo da Morfologia Distribuída (Figura 1), a derivação de palavras e sentenças se dá na sintaxe, que opera com o material que compõe a Lista 1, uma lista não gerativa de raízes e traços morfossintáticos, tais como categorizadores e morfemas funcionais. Sem conteúdo fonológico, tais traços são manipulados pela sintaxe, que gera derivações sintáticas cujos nós terminais serão tardiamente associados a alguma fonologia, numa operação denominada Inserção de Vocabulário. Essa inserção é instruída pelos componentes da Lista 2, as regras denominadas Itens de Vocabulário que expressam uma correspondência entre, por um lado, determinadas propriedades fonológicas, e, por outro, propriedades morfossintático-semânticas. Não por acaso, a Lista 2 é também chamada de Vocabulário e reúne todos os itens de vocabulário de uma dada língua.

Figura 1 – arquitetura da Morfologia Distribuída.



Fonte: elaboração própria.

Por suas próprias características e pelo posicionamento da Lista 2 na arquitetura da Gramática, o Item de Vocabulário não tem qualquer papel na criação de nós sintáticos, gerados, efetivamente,

na sintaxe, antes do processo de inserção de fonologia. Essa operação de Inserção de Vocabulário é tardia, podendo se realizar não apenas pós-sintaticamente, mas depois da aplicação de operações de natureza morfológica à derivação sintática, conforme veremos no capítulo *Operações morfológicas*.

É ponto pacífico na teoria que a inserção de vocabulário opera nos morfemas terminais sintáticos, mas o mesmo não é consenso para as raízes. No processo de inserção, propriamente, os itens de vocabulário competirão entre si para decidir qual deles ocupará o nó relevante: os traços especificados para os itens de vocabulário são comparados aos traços que caracterizam o nó terminal abstrato. O Item de Vocabulário especificado com o maior número de traços coincidentes com os traços no nó terminal será inserido.

Consideremos um nó terminal hipotético A, especificado com os valores + ou - dos traços $[\pm\alpha]$, $[\pm\beta]$, $[\pm\gamma]$ e $[\pm\delta]$ como em (3), ao qual devemos atribuir um (e somente um) *expoente fonológico*.

(3) A - $[+\alpha, -\beta, +\gamma, -\delta]$

Os Itens de Vocabulário são instruções de pareamento de informações fonológicas a informações morfossintático-semânticas. Trata-se de relações entre conteúdo e expressão que se caracterizam como parte do conhecimento que um falante nativo tem de uma língua particular, e que são memorizadas durante o período de aquisição de linguagem.

Em relação aos Itens de Vocabulário que se configuram como candidatos para inserção de fonologia no nó terminal em (3), vamos observar, mais abaixo, que pode haver vários. Nesse caso, eles competirão entre si e o sistema precisa prever um mecanismo que regule a escolha do Item de Vocabulário que vencerá a competição. Esse mecanismo tem o nome de *Princípio do Subconjunto* (HALLE,

1997) e é descrito como segue:

(4) Princípio do Subconjunto

- a) Somente Itens de Vocabulário especificados com todos ou com um subconjunto dos traços do nó terminal que é seu alvo são candidatos a fornecer fonologia a ele;
- b) O Item de Vocabulário que vence a competição será aquele cuja especificação incluir um subconjunto com mais traços compatíveis com os do nó terminal.

Como se observa facilmente, os Itens de Vocabulário de (5) a (8), que são lidos como descrito na sentença que segue cada exemplo, podem ser especificados para todos os traços de (3), valorados para + ou para -, como em (5), mas também podem ser especificados para apenas alguns desses traços, também valorados para + ou para -, desde que suas especificações constituam subconjuntos dos traços do nó sintático A. Temos, assim, que, para nosso nó terminal hipotético A - [+ α , - β , + γ , - δ], em (3), todos os itens de vocabulário de (5)-(8) satisfazem a cláusula (a) do Princípio do Subconjunto, constituindo-se dos traços [+ α], [- β], [+ γ] ou [- δ], e são, portanto, candidatos reais a fornecer a fonologia para ele.

Para exemplificar a aplicação da cláusula (b) do mesmo Princípio, vamos considerar apenas os itens de vocabulário de (5) a (7), ou seja, aqueles sem um contexto fonológico, gramatical ou lexical específico para inserção. Essa cláusula determina que o Item de Vocabulário cuja especificação incluir mais traços do nó terminal e valorados para + ou -, exatamente como nesse nó terminal, deve vencer a competição. Dessa forma, podemos identificar (5) como o vencedor, já que suas especificações equivalem ao maior subconjunto das especificações de A.

(5) /t/ ↔ [+α, -β, +γ, -δ]

Em um nó terminal que contenha os traços [+α, -β, +γ, -δ], insira o expoente fonológico /t/

Os traços dos Itens de Vocabulário em (6)a,b também são compatíveis com os do nó terminal A. No entanto, o valor do traço [γ] do Item de Vocabulário em (6)a não coincide como valor do mesmo traço no nó terminal A. Isso o exclui da competição para preencher A. Quanto a (6)b, observa-se que se constitui de um subconjunto de traços valorados da mesma forma que os traços equivalentes do nó terminal A. No entanto, o subconjunto que caracteriza o Item de Vocabulário em (5) é maior que aquele que caracteriza (6)b.

(6) a. /u/ ↔ [+α, +γ, -δ]

Em um nó terminal que contenha os traços [+α, +γ, -δ], insira o expoente fonológico /u/;

b. /x/ ↔ [+α, -β]

Em um nó terminal que contenha os traços [+α, -β] insira o expoente fonológico /x/.

O mesmo pode ser dito de (7)a-c, especificados com um subconjunto dos traços do nó terminal A, valorados exatamente como em A, e, portanto, compatíveis com esse nó terminal, mas não o bastante para vencer a competição se comparados com o conjunto de traços em (5).

(7) a. /y/ ↔ [+α, -δ]

Em um nó terminal que contenha os traços [+α, -δ], insira o expoente fonológico /y/;

b. /y/ ↔ [-β, -δ]

Em um nó terminal que contenha os traços [-β, -δ], insira o expoente fonológico /y/;

c. Ø ↔ [-δ]

Em um nó terminal que contenha o traço [-δ], insira o expoente fonológico Ø.

Além disso, a comparação entre (7)a e (7)c, por um lado, e entre (7)b e (7)c, por outro, nos mostra que um traço [-δ] pode ser realizado ora por um expoente, quando agrupado a um outro traço (/y/, se [-δ] se agrupa a [+α], como em (7)a, ou a [-β], como (7)b), ora por outro, quando isolado (Ø, como em (7)c).

Os Itens de Vocabulário em (7)a,b revelam ainda que o mesmo expoente fonológico pode ter especificações correspondentes a dois diferentes subconjuntos de traços do nó terminal morfossintático, ou seja, são evidência de que a compatibilidade entre Itens de Vocabulário e morfemas abstratos ou nós terminais não depende de os primeiros serem especificados para todos os traços dos últimos. Isso caracteriza o que é chamado de sincretismo formal, que decorre dessa possibilidade de subespecificação dos Itens de Vocabulário, como discutiremos mais adiante.

Adicionalmente, a relação entre as propriedades fonológicas e sintático-semânticas estabelecida pelo Item de Vocabulário pode especificar um contexto de inserção para determinado expoente fonológico, como em (8)a-c.

(8) a. /w/ ↔ [+α, -β] / [+θ]

Em um nó terminal que contenha os traços [+α, -β] no contexto do traço [+θ]¹⁷, insira o expoente fonológico /w/;

17 Neste caso, o expoente que vai realizar os traços [+α, -β] segue o morfema que porta o traço [+θ], o que é apontado na notação pela posição do sublinhado. No entanto, em outras regras, o contexto pode ser de precedência (x), como em (8)b.

b. /v/ ↔ [+α, -β] / ___ /l/

Em um nó terminal que contenha os traços [+α, -β] no contexto do fonema /l/¹⁸, insira o expoente fonológico /v/;

c. /z/ ↔ [+α, -β] / √ABC

Em um nó terminal que contenha os traços [+α, -β] no contexto da raiz √ABC insira o expoente fonológico /z/;

Diferentemente de (7)a-b, os Itens de Vocabulário em (8) nos permitem observar que um mesmo conjunto de traços pode estar associado a mais de um expoente fonológico. Isso pode se dever a condicionamentos por traços gramaticais, por traços fonológicos ou por uma raiz. Assim, por exemplo, a inserção de um expoente pode ser determinada pela presença de um morfema específico, como no caso dos sufixos verbais *-iz(ar)* e *-ec(er)*, que potencializam, respectivamente, a inserção dos expoentes /sãw/ ('-ção') e /meNto/ ('-mento'): *crystalizar – crystalização; emagrecer – emagrecimento*. Casos como esses são tradicionalmente caracterizados como alomorfias condicionadas gramaticalmente (ou morfológicamente), como em (8)a, fonologicamente, como em (8)b, ou contextualmente (ou lexicalmente), como em (8)c.

2. A inserção de vocabulário: morfemas funcionais e raízes

Instrumentalizados do raciocínio inicial para a inserção tardia de vocabulário, podemos abordar um exemplo dessa operação aplicada aos dados do português brasileiro, a partir das formas nominais no singular e no plural em (9):

(9)	singular	plural	singular	plural
-----	----------	--------	----------	--------

¹⁸ O contexto fonológico poderia ser caracterizado também por um conjunto de traços fonéticos e/ou informações prosódicas.

a. livro	livros	e. gás	gases
b. casa	casas	f. mal	males
c. pente	pentes	g. lápis	lápiss
d. mar	mares	h. tórax	tórax

O primeiro passo é descrever a estrutura sintática subjacente a todos esses nomes, como (10)a. Trata-se de raízes categorizadas por um núcleo n , o qual porta um traço $[+n]$. Acima do categorizador, há uma projeção de número, convencionalmente representada por $\#P$. Na superfície, alguns dos nomes estão associados a uma vogal temática e/ou um morfema de gênero (ex. livro) e outros não¹⁹. Por movimento de núcleo e adjunção de $\sqrt{\text{LIVR-}}$ a n , e de $[\sqrt{\text{LIVR-}} n]_n$ a $\#$, forma-se o núcleo complexo em (10)b, cuja ordem linear é $\sqrt{\text{LIVR-}}n\#$ ²⁰. O núcleo complexo sintático sofre *spell-out* e terá a sua estrutura e traços relevantes interpretados no ramo de LF: no caso da estrutura em (10)b, a interpretação resultante será a de “mais de uma entidade” (raiz no contexto nominal e $[+pl]$). Paralelamente, após *spell-out*, a estrutura segue para inserção de vocabulário, operação dependente de acesso da Lista 2.



A partir dos dados em (9), vamos propor que há pelo menos dois expoentes fonológicos para os traços de número: $[-pl]$ é realizado por um expoente fonologicamente nulo \emptyset , como se observa nos exemplos de singular de (9)a-h, e vamos propor que $[+pl]$ é realizado pelo expoente $-s$, mais especificamente, o arquifonema $/S/$, em todos

19 Omitiremos possíveis núcleos realizados pelas vogais temáticas e pelo gênero nominal para fins de simplificação de exposição (sobre essa discussão, veja o capítulo *Flexão, derivação e composição em Morfologia Distribuída*).

20 A ordem linear nesse caso é gerada diretamente pelo movimento sintático do núcleo, mas poderia ser derivada de algum tipo de algoritmo de linearização no componente morfológico (EMBICK, 2015, p. 60).

os nomes plurais em (9)a-h. Para tal, vamos assumir, embasados em Bisol (2010, p. 75), que nos casos em que a raiz termina em -r, -s, e -l, ocorre epêntese de uma vogal, ou seja, vamos assumir um reajuste fonológico pós-inserção de vocabulário que transforma **mars*, **mals* e **gass* em *mares*, *males* e *gases*. Além disso, vamos assumir que a inserção do fonema /s/ em paroxítonas terminadas em -s, tais como *lápiz* e *tórax*, gera uma sequência de duas sibilantes */*ss/*, que é corrigida pelo apagamento de uma delas. Trata-se também de um reajuste fonológico. Lançando mão dessas regras de reajuste fonológico, podemos postular apenas dois expoentes fonológicos, sem nenhuma especificação contextual, para os dados das formas de número dos nomes em (9), a saber:

- (11) a. [-pl] ↔ ∅
 b. [+pl] ↔ /s/

No entanto, além dos dados expostos em (9), encontramos diferentes formas de plural no português que remetem a contextos específicos²¹. Estes dados incluem: a) inserção de /is/ em nomes oxítonos terminados em vogal seguida pela consoante /l/, como em (12)a-e, com apagamento do /l/ final da forma singular oxítônica. No caso de (12)e, em que a inserção de /is/ gerará /iis/, assumimos mais um reajuste fonológico de crase ou apagamento de vogais idênticas; b) inserção de /eis/, com apagamento de /il/ final em nomes paroxítonos terminados em -il (ex. (12) f-g), c) para algumas formas emprestadas do latim, pertencentes ao vocabulário adulto e culto, há uma alteração que não pode ser explicada sistematicamente, mas deve ser armazenada do seguinte modo: para algumas raízes, deve-se expressar o plural com a substituição do final -us por -i, -ora, etc. Parece que além da adição de -i e -ora deve haver um apagamento de -us caso esse seja considerado parte da raiz (ex. (12)h-i).

21 Para fins de simplificação, não abordaremos a formação dos plurais nos ditongos nasais (ex. mão ~ mãos; cão ~ cães; peão ~ peões).

(12)	singular	plural	singular	plural
	a. casal	casais	f. útil	úteis
	b. pastel	pasteis	g. ágil	ágeis
	c. farol	faróis	h. campus	campi
	d. azul	azuis	i. corpus	corpora
	e. perfil	perfis		

Para explicar esses dados de modo simplificado e ilustrativo, vamos propor pelo menos mais três Itens de Vocabulário com expoentes dependentes de informações contextuais para realizar o traço de plural. Abaixo, reunimos todos os Itens de Vocabulário necessários para analisar os dados apresentados acima. Em (13)b, o sinal * indica que a sílaba não é acentuada:

- (13) a. [+pl] ↔ -is /-Vl__
 b. [+pl] ↔ -eis / -il*__
 c. [+pl] ↔ -i /√CAMPUS__
 d. [+pl] ↔ -ora / √CORPUS__
 e. [+pl] ↔ /s/

Desses itens, (13)a-d são mais especificados do que (13)e e, por isso, serão inseridos antes de (13)e, que é a forma *default*, nos contextos determinados. Note que essas informações têm de ser aprendidas pelos falantes. Se essas relações especiais entre um traço e sua realização fonológica não forem memorizadas, pode haver “erros” durante o processo de aquisição ou até mesmo variação na fala adulta. Veja que é perfeitamente possível encontrar na língua infantil realizações como **azuls*, **farols*, em vez de *azuis* e *faróis*. Na língua adulta, encontramos frequentemente variação entre as realizações *os campi* e *os campus*, bem como *os corpora* e *os corpus*. Em todos esses casos, o item *default* é inserido em lugar do mais especificado, indicando que o vocabulário do falante está em construção ou não contém o item mais especificado. Assim, o

vocabulário é o local, dentro de uma teoria que assume a hipótese de decomposição plena, para esse tipo de idiosincrasia antes designada ao léxico. Além disso, é também lugar de variação dialetal e individual.

Para completar o exemplo com o traço de número, devemos mostrar que esse traço pode ocorrer também agrupado a outros traços. Por exemplo, um nó terminal sintático pode contar com o traço [+pl] e ser interpretado como plural ou esse mesmo traço pode ocorrer do seguinte modo [+1, +pl], nomeadamente um traço que será interpretado como primeira pessoa do discurso e outro traço interpretado como plural. Se esses traços estiverem agrupados em um único nó terminal sintático receberão, por princípio, também um único expoente fonológico. Para começar, observemos o paradigma das formas pronominais em (14) e seus traços morfossintáticos correspondentes propostos levando em conta a concordância desses pronomes com o verbo:

(14) pronomes	traços nos nós terminais
a. eu	[+1], [-pl]
b. você	[-1, +2], [-pl]
c. ele	[-1, -2], [-pl]
d. nós	[+1], [+pl]
e. vocês	[-1, +2], [+pl]
f. eles	[-1, -2], [+pl]

Vejamos que, com exceção da forma da primeira pessoa do plural, *nós*, podemos propor que há inserção dos Itens de Vocabulário *default* para os traços [\pm plural], tal como em (11), em separado do traço de pessoa. No entanto, essa análise é mais complicada para a primeira pessoa, já que teríamos que propor que é possível segmentar **nó-* e *-s*, sem que esse nó seja a mesma forma inserida para o traço ip. no contexto singular. Assim, podemos propor que o expoente

de *nós* são os traços [+1, +pl] enfeixados em um mesmo terminal sintático. Por isso, sugerimos os seguintes Itens de Vocabulário:

- (15) a. [+1, -pl] ↔ eu /ew/
 b. [-1, +2] ↔ você /vose/
 c. [-1, -2] ↔ ele /ele/
 d. [+1, +pl] ↔ nós /nɔs/

Inicialmente, poderíamos pensar que o Item de Vocabulário (15)d poderia ser inserido em um nó terminal com o traço [+pl], tal como apresentado na estrutura (7), mas essa inserção é excluída pela cláusula (a) do *Princípio do subconjunto* (ex. (4)), pois o traço [+1] é incompatível com um nó terminal que só contenha [+pl].

Diferentemente, demonstrando uma aplicação da cláusula (b) do mesmo princípio, o Item de Vocabulário (15)d contém mais especificações de traços do que o item *default* (13)e – [+pl] ↔ -s – para a inserção no nó terminal composto por [+1, +pl]. Por isso, ele vence a competição para inserção. Visto de outro modo, a inserção de um Item de Vocabulário mais específico bloqueia a inserção de um menos específico. Contrariamente ao que se assume em teorias lexicalistas (bloqueio de palavras por palavras), o único tipo de bloqueio admitido nessa teoria é, então, o bloqueio de inserção de vocabulário em nós terminais sintáticos (EMBICK; MARANTZ, 2008). Uma vez que os traços de número no sistema nominal e no sistema pronominal podem ser realizados fonologicamente da mesma forma, com os expoentes nulo e /s/, assumimos que eles são os mesmos nesses dois sistemas.

Apresentamos até agora a inserção de vocabulário em morfemas abstratos que se formam a partir de traços morfossintáticos de natureza funcional²². Vejamos agora como o

²² A inserção de vocabulário poderia também ter como alvo um morfema funcional categorial. Por exemplo, um núcleo categorizador nominal agentivo, portador dos traços [+n, +ag], pode ser realizado pelos sufixos *-ista*, e *-eir(o)*, a depender da raiz a que se anexa (ex. *florista*, *taxista*, *marceneiro* e *pedreiro*).

outro tipo de morfema assumido pela teoria, a raíz, se comporta em relação à inserção de vocabulário. Como adiantamos de forma muito breve, há um debate intenso na literatura de Morfologia Distribuída a respeito da identificação das raízes na Lista 1. Uma das principais indagações diz respeito a se a inserção de vocabulário se aplica ou não a raízes. Os trabalhos iniciais da teoria ou não discutem a inserção de vocabulário em raízes ou assumem que as raízes já entram na derivação sintática com material fonológico (HARLEY, NOYER, 1999; EMBICK, 2000; EMBICK E HALLE, 2005). Outros trabalhos mais recentes defendem que há dados que desafiam a ideia de que as raízes possuem conteúdo fonológico na Lista 1 (SIDDIQI, 2009; PFAU, 2009, HARLEY, 2014). Segundo esses últimos trabalhos, os casos que podem sustentar a hipótese de inserção tardia para raízes são aqueles em que a forma da raiz se altera radicalmente a depender do seu contexto morfossintático. Trata-se, então, de casos de alomorfia total, chamados também de supleção de raiz. Alguns exemplos em inglês (SIDDIQI, 2009), em português e em yaqui (HARLEY, 2014) são listados a seguir e explicados na sequência:

(16) a. go ~ went

‘ir ~ fui’

(17) vou ~ fui

(18) vuite ~ tenne

‘correr ~ correr’

Como nosso objetivo aqui é apresentar a Lista 2, vamos apenas exemplificar como a operação se dá, e em quais dados, para os autores que a assumem. Para casos de supleção, como os exemplificados em (16), (17) e (18), pode-se somar o fato de que essas formas costumam ter um papel semelhante ao de itens funcionais nas línguas relevantes, ou seja, como verbos leves e auxiliares.

São casos em que o significado lexical original da raiz é esvaziado ou minimizado. Para eles, a literatura tem sugerido uma análise de formação de um núcleo sintático complexo entre a raiz e os morfemas funcionais e inserção tardia para esse núcleo. Nesse caso, considera-se, então, a possibilidade de essas raízes não possuírem uma forma fonológica subjacente, pois sua forma seria totalmente dependente de realizações fonológicas de traços funcionais.

Vejam os casos em (19) de supleção ou alomorfa parcial, isto é, casos em que a alomorfa leva a uma modificação fonológica parcial da raiz.

- (19) a. mouse ~ mice
 ‘rato ~ ratos’
 b. fazer ~ fiz

Para tais casos, há duas vertentes principais de análise. A primeira assume que a raiz vem da Lista 1 com conteúdo fonológico especificado e sua inserção em uma determinada estrutura desencadeia a aplicação de regras morfofonológicas, gerando alterações não completamente previsíveis do ponto de vista da fonologia. A segunda assume a criação de um núcleo complexo a partir de uma raiz fonologicamente abstrata, mas semanticamente especificada, no espírito do que foi sugerido na literatura para a análise de formação de núcleo complexo para os verbos leves e auxiliares de (16) a (18). Por exemplo, Siddiqi (2009) propõe que a alomorfa parcial entre *mouse* e *mice* pode ser apreendida como fruto de duas possibilidades de inserção de material fonológico da raiz abstrata $\sqrt{\text{MOUSE}}$. No primeiro caso, cria-se um núcleo complexo com a fusão dos nós terminais que contêm a raiz $\sqrt{\text{MOUSE}}$, o categorizador [n] e o traço [pl], como em (20)a; no segundo caso, o núcleo complexo criado pela categorização da raiz conterá a própria raiz $\sqrt{\text{MOUSE}}$ e o categorizador [n], como em (20)

b. Os candidatos para inserção nesses nós serão algo como em (21). Como vemos, essa alternativa aumenta o número de entradas e suas especificações na Lista 2. No capítulo *Morfologia não concatenativa em Morfologia Distribuída*, você poderá acompanhar a análise desse tipo de alomorfia mais detalhadamente.

(20) a. [plural]
[n]
√Mouse

b. [n]
√Mouse

(21) a. √MOUSE, [n] ↔ /maws/ 'mouse'
b. √MOUSE, [n], [plural] ↔ /majʃ/ 'mice'

Harley (2014) segue a mesma linha de análise ao propor que alternâncias verbais apresentadas no yaqui são fruto de competição para inserção de material fonológico em raízes. No dado abaixo, podemos ver que há duas realizações fonologicamente muito distintas para o que corresponderia ao verbo *correr* em português. Quando o sujeito desse verbo é um pronome de terceira pessoa do singular (*Aapo*), sua forma é *vuite*; quando seu sujeito é um pronome de terceira pessoa do plural (*Vempo*), sua forma é *tenne*. A combinação de *aapo* e *tenne* bem como de *vempo* e *vuite* gera agramaticalidade.

(22) a. *Aapo aman vuite-k* b. *Vempo aman tenne-k*
3sg lá correr.sg-prf 3pl lá correr.pl-prf
'Ele correu para lá.' 'Eles correram para lá.'

Sem entrar em muitos detalhes que não nos interessam aqui, Harley afirma que esse é um caso ilustrativo da competição dos expoentes fonológicos para inserção na posição de uma mesma raiz e propõe que na Lista 2 do yaqui há os seguintes Itens de Vocabulário:

- (23) a. $\sqrt{\text{RUN}}$ \leftrightarrow /tenne/ / $[\text{DP}_{\text{pl}}\text{—}]$
 b. $\sqrt{\text{RUN}}$ \leftrightarrow /vuite/ Nos demais ambientes

Não se trata, portanto, como na proposta de Siddiqi, da criação de um núcleo complexo, mas de raízes sem conteúdo fonológico subjacente especificadas com informação contextual para inserção. Como você pôde notar, existem muitas propostas e dados interessantes a respeito das raízes a serem explorados.

3. Sincretismo e subespecificação

A inserção tardia de conteúdo fonológico, que caracteriza o modelo da Morfologia Distribuída, é empiricamente motivada por evidências linguísticas em que a relação de um-para-um entre traços morfossintáticos e realização fonológica é desfeita. Entre tais casos, destacam-se as alomorfas, como a de plural discutida na seção anterior, e os sincretismos que são o objeto de discussão desta seção.

Em linhas gerais, dizemos que o sincretismo acontece quando uma mesma realização fonológica é empregada em uma língua para expressar conjuntos distintos de traços morfossintáticos. O sincretismo pode, então, ser definido da seguinte maneira:

[...] situações em que ambientes sintático-semânticos distintos (ou seja, conjuntos distintos de traços de sintático-semânticos agrupados em um morfema) apresentam o mesmo expoente fonológico. Esta definição torna sincretismo uma identidade morfológica, e não apenas fonológica²³. (EMBICK, 2015, p.113)

23 No trecho original: “[...] situations in which distinct syntactico-semantic environments (i.e., distinct sets of synsem features bundled into a morpheme) show the same phonological exponent. This definition makes syncretism a morphological identity, and not just a phonological one”.

Assim, nem todas as distinções morfossintáticas que uma língua faz são necessariamente evidenciadas por fonologias distintas em todos os contextos nos quais os traços relevantes estão envolvidos. Como um exemplo inicial, tomemos o paradigma de formação de presente e passado dos verbos regulares do inglês:

Quadro 1 – Formas de presente e passado do verbo regular *play* ('jogar') do inglês.

	Presente		Passado	
	singular	plural	singular	plural
1ª pessoa	play[∅]	play[∅]	play[ed]	play[ed]
2ª pessoa	play[∅]	play[∅]	play[ed]	play[ed]
3ª pessoa	play[s]	play[∅]	play[ed]	play[ed]

Fonte: Bobaljik (2002, p. 53)

Nos dados acima, podemos ver que, no presente, a língua somente marca uma distinção de realização fonológica na terceira pessoa do singular em relação às demais combinações de traços. No passado, por sua vez, a distinção na combinação de traços de número, pessoa e tempo não é marcada em nenhuma das formas do paradigma. Assim, as formas em \emptyset no presente e em -ed no passado são formas sincréticas, ou seja, formas idênticas que, no entanto, realizam diferentes conjuntos de traços.

Na definição de Baerman *et al.* (2005, p. 34) o sincretismo canônico apresenta as seguintes características:

- (21) a. Há, em certos contextos, uma perda de distinção entre alguns, mas nem todos os valores de um determinado traço F. Essa perda pode depender da presença de uma combinação particular de valores de um ou mais traços (o contexto).

b. Outros objetos sintáticos distinguem aqueles valores do traço F, e eles são, portanto, sintaticamente relevantes²⁴.

Retomando os dados do inglês, por exemplo, podemos observar que, no presente, a distinção de número e pessoa é recuperada na terceira pessoa do singular, como previsto no item (21)a acima e, até mesmo nas formas de passado, em que o paradigma verbal é totalmente sincrético, é possível recuperar tais distinções, por exemplo, no próprio sistema pronominal, como previsto em 21(b). Dessa forma, o sincretismo acontece a partir, especificamente, dos traços morfossintáticos que são ativos no sistema das línguas.

Assim, a análise do paradigma do inglês em uma teoria não separacionista, que considere realização fonológica e traços como primitivos indissociáveis, demandaria a listagem de um item para cada conjunto de traços, resultando nos seguintes itens da gramática do inglês.

Quadro 2 – traços morfossintáticos e expoentes fonológicos nas formas verbais do inglês.

	Presente	Passado
a.	[1p, singular, presente] ↔ ∅	[1p, singular, passado] ↔ ed
b.	[2p, singular, presente] ↔ ∅	[2p, singular, passado] ↔ ed
c.	[3p, singular, presente] ↔ s	[3p, singular, passado] ↔ ed
d.	[1p, plural, presente] ↔ ∅	[1p, plural, passado] ↔ ed
e.	[2p, plural, presente] ↔ ∅	[2p, plural, passado] ↔ ed
f.	[3p, plural, presente] ↔ ∅	[3p, plural, passado] ↔ ed

Fonte: Elaboração própria

24 No trecho original: “i. There is, in certain contexts, a loss of distinctions between some but not all values of a particular feature F. This loss may depend on the presence of a particular combination of values of one or more other features (the context); ii. Other syntactic objects distinguish those values of feature F, and they are therefore syntactically relevant”.

Na Morfologia Distribuída, no entanto, tais sincretismos podem ser reduzidos a um mesmo Item de Vocabulário cuja inserção é licenciada em diferentes combinações de traços, devido à possibilidade de que os Itens de Vocabulário sejam *subespecificados*. A subespecificação é, então, uma ferramenta disponível no modelo que pode oferecer uma explicação sistemática para o sincretismo, ao mesmo tempo em que diminui o número de itens listados na Gramática, minimizando os elementos da Lista 2.

Na verdade, a Morfologia Distribuída assume que a sintaxe, ou seja, os nós terminais sintáticos que contêm os feixes de traços morfossintáticos são totalmente especificados, enquanto os Itens de Vocabulário, por sua vez, podem ser subespecificados. Embick (2015) sistematiza tal distinção terminologicamente, distinguindo a especificação plena da subespecificação:

- (22) a. Especificação plena: morfemas funcionais são totalmente especificados para os traços sintático-semânticos que são ativos na língua.
 b. Subespecificação: os Itens de Vocabulário podem fazer referência a um subconjunto dos traços dos nós a que eles se aplicam²⁵ (EMBICK, 2015, p. 122)

A partir desse raciocínio, o paradigma do inglês poderia ser capturado a partir dos seguintes Itens de Vocabulário (adaptado de BOBALJIK, 2002, p.53):

- (23) Itens de Vocabulário
 -ed ↔ [passado]
 -s ↔ [3p, sg]
 ∅ ↔ *default*

²⁵ No trecho original: “*Full Specification: Functional morphemes are fully specified for the synsem features that are active in the language.; Underspecification: Vocabulary Items may make reference to a subset of the features of the nodes that they apply to*”.

Com base nos Itens de Vocabulário acima, se o nó terminal relevante apresentar a especificação para o traço de [passado], independentemente da especificação de pessoa [1p, 2p ou 3p] ou de número, o único Item de Vocabulário disponível é o -ed. Da mesma forma, uma especificação de [3p] e uma ausência de especificação de tempo, desencadeará a inserção de [-s]. Finalmente, qualquer outra especificação resultará na inserção da peça fonológica \emptyset , que, justamente por aparecer em mais combinações variadas de traços é o item menos especificado desse paradigma. O interessante é que, com apenas três Itens de Vocabulário armazenados na Lista 2, é possível capturar as 12 diferentes combinações de traços sistematizadas no Quadro 2, se tratamos o sincretismo como resultado da subespecificação.

Para ilustrar novamente a interessante relação entre o sincretismo e a subespecificação, vejamos os dados da concordância verbal em hupa²⁶. Nessa língua, os verbos fazem concordância tanto com o sujeito quanto com o objeto, recebendo os seguintes prefixos a depender dos traços de pessoa e número desses elementos (EMBICK; NOYER, 2007; EMBICK, 2015):

Quadro 3 - Concordância de sujeito e objeto em Hupa.

		Sujeito	Objeto
a.	[1p, sg]	W-	Wi-
b.	[2p, sg]	n-	ni-
c.	[1p, pl]	di-	noh-
d.	[2p, pl]	oh-	noh-

Fonte: Embick e Noyer (2007, p. 300)

Os prefixos de concordância com o sujeito nessa língua apresentam expoentes fonológicos distintos para cada uma das

26 Embick e Noyer (2005) atribuem esses dados originalmente a Golla (1970).

combinações de número e pessoa acima delineadas. No entanto, para o prefixo de concordância com o objeto, somente três marcas estão disponíveis, sendo que a primeira e a segunda pessoa do plural são sincréticas, ou seja, realizadas através de uma única forma, a saber, *noh-*. Sendo assim, podemos dizer que a peça fonológica *noh-* é subespecificada para pessoa, o que daria conta do sincretismo presente na língua, através dos seguintes Itens de Vocabulário.

(24) Itens de vocabulário da concordância de plural em hupa:

- a. [1p, pl, sujeito] ↔ *dí-*
- b. [2p, pl, sujeito] ↔ *oh-*
- c. [pl, objeto] ↔ *noh-*

(EMBICK; NOYER, 2007, p. 300)

É interessante apontar novamente que, ao tratar o sincretismo como resultado da subespecificação, com apenas três IVs armazenados na Lista 2, é possível capturar as 4 diferentes combinações de traços sistematizadas no Quadro 3, o que, ao mesmo tempo, traz uma abordagem explicativa para o sincretismo e diminui o número de itens que precisam ser armazenados na Lista 2 como primitivos. Além disso, como descrito em (21) anteriormente, a distinção entre segunda e terceira pessoa de plural, apesar de perdidas no contexto de objeto, são explicitadas no contexto de sujeito, o que aponta para o fato de que tal distinção é sintaticamente relevante, ou seja, que os traços morfossintáticos envolvidos estão ativos no sistema da língua.

Para encerrar essa breve discussão sobre o sincretismo, é importante ressaltar que nem toda identidade fonológica é uma instância desse fenômeno, de modo que é necessário distingui-lo da homofonia acidental. Para além de uma simples identidade de forma, o sincretismo acontece quando há uma identidade sistemática codificada na gramática da língua. Para estabelecer o

contraste, tomemos, por exemplo, a identidade de forma entre a marca que aparece no verbo do português na conjugação com o pronome *tu* – restrito a alguns dialetos do português brasileiro e predominante no português europeu – associado aos traços [2p. sg.] e a marca de plural dos nomes na língua, ambas realizadas pelo fonema /s/.

- (25) a. Tu anda[s], come[s], sorri[s]
 b. Os mapa[s], pente[s], bolo[s]

É importante ressaltar que, bastante diferente dos outros dois casos discutidos nesta seção, a semelhança de forma -s acima não pode ser capturada por uma generalização entre os elementos envolvidos, já que os traços morfossintáticos relevantes são totalmente diversos em cada um dos casos. Assim, temos um contexto verbal em (25)a, em que os traços [2p, -pl] estão associados a /s/, mas no contexto nominal, em (25)b, esse mesmo expoente fonológico está associado ao traço [+pl], como também foi sugerido na seção anterior. Isso implica que os nós terminais sintáticos e feixes de traços são distintos na estrutura, o que sugere que não se trata de um sincretismo propriamente dito, mas meramente de uma homofonia acidental.

Dessa forma, podemos dizer que, em linhas gerais, a diferença fundamental entre sincretismo e homofonia acidental é que, enquanto no sincretismo, existem traços morfossintáticos compartilhados entre duas formas fonologicamente idênticas, na homofonia acidental, por sua vez, os traços estão relacionados a distinções morfossintáticas de tipos bastante diversos. Conseqüentemente, o sincretismo pode ser analisado como resultante de um mesmo Item de Vocabulário, que, por ser subespecificado, cabe em diferentes conjuntos de traços morfossintáticos, enquanto a homofonia acidental está relacionada a Itens de Vocabulários distintos, tal

como representado de maneira simplificada abaixo, em que Agr se refere ao nó de concordância associado ao núcleo de flexão verbal:

- (26) a. [2p, sg] ↔ s/Agr
 b. [pl] ↔ s

Assim, a possibilidade de que Itens de Vocabulário sejam subespecificados permite que os sincretismos sejam analisados de maneira sistemática, diferindo-os das instâncias de homofonia acidental, o que não seria possível caso os elementos sincréticos fossem listas como Itens de Vocabulário distintos.

RESUMINDO

Neste capítulo tratamos de maneira mais aprofundada da Lista 2, uma das três listas que integram o modelo da Morfologia Distribuída. Como a Lista 2 é responsável pela inserção de material fonológico nos morfemas abstratos, começamos o capítulo fomentando a implementação da ideia de separacionismo na Morfologia Distribuída, isto é, apresentando evidências de que os feixes de traços que guiam a derivação são destituídos de conteúdo fonológico, recebendo tal conteúdo somente após a derivação sintática.

Na seção 1, apresentamos alguns dos princípios que governam a inserção de vocabulário, já que um expoente fonológico pode ser compatível com mais de um morfema abstrato, assim como pode haver mais de um expoente fonológico compatível com um determinado morfema abstrato. Um dos princípios mais importantes para o mecanismo de Inserção de Vocabulário é o do Subconjunto, que assume que somente itens especificados com todos ou com um subconjunto dos traços do nó terminal são candidatos à inserção.

Uma vez expostos os mecanismos gerais pelos quais a Lista 2

opera, a seção 2 exemplificou a inserção em vários núcleos funcionais, abordando inclusive o fenômeno da alomorfia, em que diferentes expoentes fonológicos podem ser associados a um mesmo conjunto traços. Nessa mesma seção, exemplificamos também a inserção de vocabulário em raízes com supleção total e parcial.

Finalmente, na seção 3 tratamos dos sincretismos, que, como as alomorfias, desfazem a relação biunívoca entre traços morfossintáticos e realização fonológica, mas, diferentemente delas, acontecem quando uma mesma fonologia é empregada para expressar conjuntos distintos de traços morfossintáticos. A Morfologia Distribuída, a partir da noção de subespecificação, permite analisar tais instâncias como resultantes de um único Item de Vocabulário, distinguindo, então, o sincretismo, fenômeno sistemático, da homofonia acidental.

PARA SABER MAIS

Para uma Introdução ao Separacionismo na Morfologia Distribuída, o leitor interessado pode consultar *Distributed Morphology and the pieces of inflection*, de Moris Halle e Alec Marantz, publicado em 1993. É um dos textos seminais da teoria e conta com uma tradução intitulada *A Morfologia Distribuída e as peças da flexão* feita por Beatriz Santana e Maurício Resende, publicada em 2020, pela UFPR. O texto de Halle e Marantz dialoga bastante com o livro *A-morphous Morphology*, de Stephen Anderson, publicado em 1992. Embora esse livro se circunscreva a outro quadro teórico, Anderson discute longamente sobre as evidências para o separacionismo na Gramática e pode ser uma leitura interessante para os interessados em evidências para o separacionismo. Para saber mais sobre inserção de vocabulário em morfemas funcionais, você pode ler o clássico artigo *Distributed Morphology, impoverishment and fission* de Morris Halle, publicado

em 1997. Já para se situar a respeito da discussão sobre inserção de vocabulário em raízes e encontrar referências relevantes, recomendamos a leitura do trabalho *sobre o conteúdo fonológico das raízes supletivas, fonologias genéricas e erros de fala*, de 2020, de Indaiá Bassani e Rafael Minussi. Sobre sincretismo, sugerimos ao leitor o artigo *Syncretism without paradigms: remarks on Williams 1981 e 1994* de Jonathan David Bobaljik publicado em 2002. Em português, a tese de doutorado de João Paulo Lazzarini Cyrino intitulada *O sincretismo passivo-reflexivo: um estudo translinguístico*, disponibilizada em 2015, discute o sincretismo de voz translinguisticamente. Finalmente, para saber mais sobre alomorfa, sugerimos o trabalho de David Embick intitulado *Localism versus globalism in Morphology and Phonology*, publicado em 2010, no qual o autor apresenta dados interessantes de diversas línguas e oferece um sistema de análise para a alomorfa contextual. Além disso, seu livro *The morpheme: a theoretical introduction* traz uma discussão bastante interessante sobre o sincretismo em seus capítulos 5 e 6, além de focar na alomorfa no capítulo 7. Finalmente, sobre a inserção de raízes, o leitor pode consultar o artigo *Inserção tardia para raízes: supleção e depoência*, de Armelin, Gonçalves e Melo (2020).

EXERCÍCIOS

Exercício 1. Comente como os dados abaixo podem trazer evidências para a inserção tardia de vocabulário.

- a. lápis preto
- b. lápis amarelo
- c. cidadãos
- d. peões

Exercício 2. Considere o verbo *to be* do inglês. Vamos assumir,

com Halle (1997) que as pessoas do discurso (1^a, 2^a, 3^a) se definem a partir dos traços de “Autor do evento de fala” [AEF] e “Participantes do evento de fala” [PEV], da seguinte forma:

	1 ^a	2 ^a	3 ^a
AEF	+	-	-
PEF	+	+	-

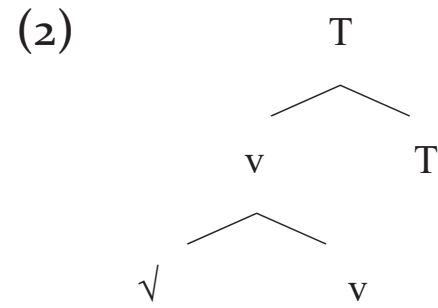
Assim, um morfema de primeira pessoa do plural do presente do verbo *to be* se define como ($\sqrt{\text{BE}}$, [+AEF, +PEF, +pl, +Pres., +Finito]). Para o morfema de primeira pessoa do plural do presente do verbo *to be* e o conjunto de Itens de Vocabulário, descritos a seguir, determine i) o que licencia a presença do Item de Vocabulário como candidato à inserção; ii) qual deve ser o Item de Vocabulário vencedor?

Itens de Vocabulário:

am	↔	$\sqrt{\text{BE}}$ [+AEF, -pl, +Pres., +Finito]
i-<z>	↔	$\sqrt{\text{BE}}$ [-pl, +Pres., +Finito]
was	↔	$\sqrt{\text{BE}}$ [-pl, +Finito]
are	↔	$\sqrt{\text{BE}}$ [+Pres., +Finito]
were	↔	$\sqrt{\text{BE}}$ [+Finito]
be	↔	$\sqrt{\text{BE}}$

Exercício 3. No sistema verbal do português, existe uma alomorfia que afeta o morfema de pretérito imperfeito, já citada no início deste capítulo. A partir dos dados em (1) e da estrutura básica proposta em (2), identifique os expoentes e postule uma regra de inserção de vocabulário. Em seguida, explique que tipo de alomorfia ocorre com esse morfema. Assuma, para fins de simplificação, que a vogal temática ocupa o núcleo *v*.

- (1) a. cantar ~ cantava
 b. comer ~ comia
 c. dormir ~ dormia



Exercício 4. Observe os dados abaixo que trazem parte do paradigma verbal regular do tempo presente no alemão para os verbos *kaufen* ('comprar') e *leben* ('morar'):

Tempo presente no alemão

	a. kaufen ('comprar')	b. leben ('morar')
[1p, sg]	kauf-e	leb-e
[2p, sg]	kauf-st	leb-st
[3p, sg]	kauf-t	leb-t
[1p, pl]	kauf-en	leb-en
[2p, pl]	kauf-t	leb-t
[3p, pl]	kauf-en	leb-en

- a. Indique quais são os Itens de Vocabulário necessários para derivar os dados representados acima.
- b. A partir dos Itens de Vocabulário que você propôs, explique os sincretismos presentes nos dados do alemão, relacionando-os à Subespecificação.

